

Luzes e sombras: a fase inicial da trajetória política de Ivete Vargas (1940-1950)

Lights and shadows: the first steps of Ivete Vargas' political career (1940-1950)

Douglas Souza Angeli¹



Resumo: Este artigo trata da fase inicial da trajetória política de Cândida Ivete Vargas Tatsch (1927-1984). O recorte temporal abrange desde a chegada de seu avô, Viriato Vargas, ao Rio de Janeiro, em 1940, até sua candidatura à deputada federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em São Paulo em 1950. O objetivo é compreender como Ivete Vargas mobilizou os recursos familiares, a formação intelectual e as habilidades adquiridas em diferentes espaços e atividades, especialmente sua atuação como jornalista no periódico *Brasil-Portugal* e no Instituto Nacional de Ciência Política, para constituição de um capital capaz de propiciar seu ingresso com êxito na carreira política. Para tornar-se deputada federal aos 23 anos de idade, Ivete Vargas combinou estes recursos e habilidades adquiridos previamente, o capital social constituído a partir da rede de contatos de seu avô e uma atuação ativa visando à própria ascensão política – buscando, inclusive, estreitar relações com seu tio-avô, o ex-presidente Getúlio Vargas.

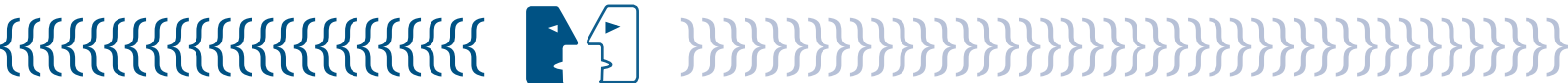
Palavras-chave: Trajetória; Capital político; Ivete Vargas; Viriato Vargas; Getúlio Vargas.

Abstract: This paper talks about the initial phase in the political career of Cândida Ivete Vargas Tatsch (1927-1984). The studied period starts with the arrival of her grandfather, Viriato Vargas, to Rio de Janeiro in 1940 and ends upon her candidacy as representative in the federal level by the Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) for São Paulo in 1950. The aim of this paper is to understand how Ivete Vargas mobilized family resources, her intellectual formation and the abilities she acquired in different places and through different activities, specially her work as a journalist to the newspaper *Brasil-Portugal* and in the Instituto Nacional de Ciência Política, to build enough capital to make a successful way in into politics. To become representative at age 23, Ivete Vargas combined such resources and previously acquired abilities, social capital built from her grandfather's social network, and an active performance aiming to rise in



politics – as well as looking to strengthen her relationship with her great uncle, the former president Getúlio Vargas.

Palavras-chave: Career; Political capital; Ivete Vargas; Viriato Vargas; Getúlio Vargas.



Considerações iniciais

Luzes e sombras era o nome da coluna assinada pela jovem Candida Ivete no jornal *Brasil-Portugal*, editado no Rio de Janeiro a partir de 1944. Tratava-se de Cândida Ivete Vargas Tatsch (1927-1984), neta de Viriato Vargas e, portanto, sobrinha-neta de Getúlio Vargas. Deputada federal entre 1951 e 1969 e entre 1983 e 1984, Ivete Vargas foi o principal nome do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em São Paulo². Apesar desse longo período de participação na história política brasileira, pouco se sabe sobre sua trajetória e, menos ainda, sobre sua entrada na política. Recorrentemente mencionada quando se trata da disputa com Leonel Brizola pelo controle da sigla PTB, em 1980, tal episódio acabou relegando às sombras a trajetória política de Ivete Vargas no período anterior a 1964 bem como a sua construção enquanto liderança política na época da fundação do PTB – entre o fim do Estado Novo e o início da experiência democrática em 1945³.

Ivete Vargas nasceu em São Borja/RS no ano de 1927, filha de Newton Barbosa Tatsch e de Cândida Vargas Tatsch. Seu avô materno, Viriato Dornelles Vargas (1874-1953), foi ministro do Tribunal de Contas do Rio Grande do Sul entre 1930 e 1937. Seu tio-avô, Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954), foi presidente da República de 1930 a 1945 e de 1951 a 1954. Ivete mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, então capital federal, aos três anos de idade, estudando no Colégio Anglo-Americano e, mais tarde, no Colégio Notre Dame de Sion. No ensino superior, licenciou-se em Geografia e História e em Letras Neolatinas. Atuou como jornalista nos periódicos cariocas *Brasil-Portugal*, *Diretrizes* e *O Radical*, e no jornal paulista *Folha da Manhã*, iniciando a atividade aos 14 anos. Aos 23, em 1950, foi eleita deputada federal⁴.

A herança política direta, pelo fato de ser sobrinha-neta de Getúlio Vargas, não explica, por si só, a forma como Ivete Vargas ingressou, com sucesso, na carreira política. Dialogando com o conceito de capital político, na perspectiva de Pierre Bourdieu (2012) e de Michel Offerlé (2011), e também com autores como Letícia Bicalho Canêdo (2002) e Luiz Alberto Grijó (2017), o presente artigo busca explicar com quais recursos Ivete Vargas constituiu seu capital político, com atenção para os espaços e atividades que a permitiram mobilizar tais recursos e adquirir as competências necessárias ao exercício da política⁵.

Ao longo do artigo, será utilizada como fonte a entrevista concedida por Ivete Vargas aos pesquisadores do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil [CPDOC-FGV] entre 1977 e 1978. As demais fontes dizem respeito a alguns destes espaços e atividades exercidas pela personagem



antes de ser eleita deputada federal: as edições do jornal *Brasil-Portugal* dos anos de 1944 e 1945, sob a guarda da Biblioteca Nacional [BN]; a revista *Ciência Política*, do Instituto Nacional de Ciência Política, da mesma época, disponível na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional [BN-Digital]; e a correspondência entre Ivete Vargas e seu tio-avô Getúlio, dos arquivos pessoais do CPDOC-FGV.

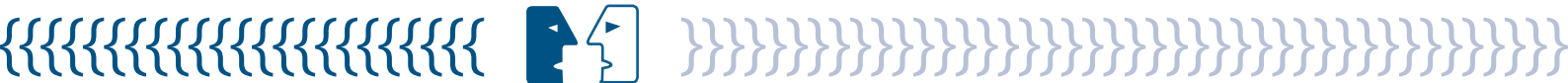
Cândida Ivete: a neta de Viriato Vargas

Já foi exaustivamente citado o artigo que Pierre Bourdieu (1986) escreveu sobre a ilusão biográfica, uma “criação artificial de sentido” que busca narrar com coerência uma série de etapas lógicas conforme um final ou prospecção necessária. Ivete Vargas concedeu uma entrevista, no final dos anos 1970, aos pesquisadores do CPDOC-FGV⁶. Na primeira resposta, quando perguntada sobre suas origens, afirmou:

Eu nasci em São Borja, a última capital dos Sete Povos das Missões. Isso já representa uma sobrecarga política, criando uma conceituação de responsabilidade que talvez comece subconscientemente aderida à sua pele desde que você nasce (VARGAS, 1979, p. 4).

Na utilização dessa entrevista no presente artigo, será observado aquilo que Eliana de Freitas Dutra (2000, p. 81) destacou acerca dos testemunhos políticos: eles facilmente podem tomar a forma de um discurso de mobilização, de ativismo, de legitimação de posições políticas e, o que é de especial valor nesse caso, de ajuste no percurso político. Assim, conforme a autora, esse é um discurso que busca se legitimar “em nome de uma causa, de um grupo e, ou, de uma organização, que o depoente representa ou mesmo crê incarnar” (DUTRA, 2000, p. 81). É preciso considerar, portanto, que o depoimento se dá no contexto da abertura política, no qual Ivete Vargas, cassada em 1969, buscou mobilizar todo um patrimônio simbólico ligado à tradição trabalhista, ao PTB e à herança política do getulismo.

A afirmação, no depoimento, de que ter nascido em São Borja resultaria em uma responsabilidade subconsciente que lhe fora aderindo à pele desde o nascimento, acende um alerta ao pesquisador com relação à ilusão biográfica, mas também possibilita uma questão: qual o papel dos vínculos familiares na entrada de Ivete Vargas na política? Ao contrário do que o início do depoimento quer dar a entender, Cândida Ivete Vargas Tatsch não estava destinada à

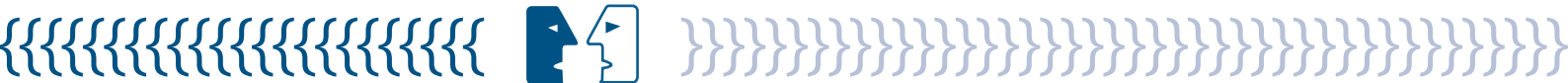


carreira política desde a infância, cabendo, portanto, que o presente artigo busque dar conta, mesmo que de forma introdutória, à complexidade de atores, espaços sociais, atividades, aprendizados e acontecimentos nos e pelos quais tal protagonista constituiu – inclusive de forma ativa – seu capital político. Entendendo, como salienta Michel Offerlé (2011, p. 94), que o capital político é aquilo que propicia a eficiência de um agente ou grupo em uma conjuntura e configuração política determinadas.

Apesar de pertencer a uma família de políticos, é preciso dizer que Ivete Vargas era mulher em uma sociedade que naturalizava a exclusão das mulheres da vida pública (PINTO, 2017, p. 461). Na própria família Vargas, Ivete foi a única mulher que disputou um cargo eletivo. Alzira Vargas do Amaral Peixoto (1914-1992), filha de Getúlio e esposa do interventor e depois governador do Rio de Janeiro, Ernani do Amaral Peixoto (1905-1989), foi assessora do gabinete da Presidência da República durante os governos de seu pai, mas jamais concorreu a um cargo público. Os demais políticos da família Vargas eram todos homens⁷. Além disso, seu pai, que era médico, não tinha atuação política. O primeiro elemento importante na constituição de Ivete Vargas como política pode ser encontrado na sua relação com o avô, Viriato, a partir da mudança deste para o Rio de Janeiro.

Embora Viriato não tivesse formação em Direito, havia atuado como rábula. Seguindo o pai, atuou no Partido Republicano Rio-Grandense, mas enfrentou dificuldades pela oposição ao chefe do partido e presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros (1863-1961). Exerceu o cargo de ministro do Tribunal de Contas do Estado do Rio Grande do Sul na década de 1930. Aposentado, foi para o Rio de Janeiro por volta de 1940. Lá, estava sua neta Cândida Ivete com cerca de 13 anos, estudante que, logo em seguida faria provas para o ingresso na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Em sua primeira entrevista ao CPDOC, afirmou: “Eu era realmente adolescente. E é uma coisa engraçada. Eu ainda estava no Ginásio; eu acabei o ginásio com 15 anos, em 1942 [...]. Eu acabei o ginásio em dezembro e prestei três vestibulares em março” (VARGAS, 1979, p. 15).

Ivete foi aprovada nos cursos de História e Geografia, Filosofia e Línguas Neolatinas, não cursando Filosofia pois a turma não abriu naquele ano. Sobre os estudos, salienta na entrevista: “Eu estudava para burro” (VARGAS, 1979, p. 15). Sua formação superior a habilitaria para as licenciaturas em História, Geografia e Letras. Poderia ser professora, mas acabou sendo jornalista e deputada federal. O capital intelectual adquirido nos cursos, entretanto, não



foi desperdiçado, como veremos adiante: pelo contrário, foram importantes para a aquisição de competências mais tarde convertidas para o exercício da política. Entre a possibilidade de dedicar-se exclusivamente ao meio intelectual e o ingresso na política partidária, a relação de Ivete com o avô é um aspecto fundamental.

Ivete Vargas afirma que, desde jovem, “vivia o mundo” do seu avô, Viriato. Isso não significa apenas um laço afetivo de uma neta com um avô. Nesse caso em especial, viver o mundo do avô significava ter acesso fácil a indivíduos que ocupavam posições de liderança em seus meios profissionais e políticos. Um trecho da entrevista é significativo quanto ao papel do avô na constituição de suas relações pessoais:

Os meus amigos eram o marechal William Moreira, o Melo Viana, o Gustavo Barroso. Tanto que eu vou dizer uma coisa: eu tenho uma sensação hoje[...]. Quando a gente é muito jovem a gente se sente continente e, à medida que a gente vai perdendo as pessoas que a gente quer bem, o mundo da gente vai se apequenando. Um belo dia, a gente percebe que é uma ilha. Então, a sensação de solidão vai apertando muito. A gente não morre no dia que a gente morre fisicamente. A gente morre milhares de vezes através de todos os pedaços do mundo da gente que vão morrendo, de todas as pessoas que a gente quer bem, que vão morrendo. [...]. No meu mundo, eu já tive a sensação de me sentir ilha, porque comecei com o mundo do meu avô. Do mundo do meu avô eu passei para o mundo do meu pai e da minha mãe. E agora que a minha geração está sumindo, eu já sinto um certo cansaço de ver tantos brancos e tantos claros à minha volta” (VARGAS, 1979, p. 16).

Vivendo no meio social de seu avô e partindo dessa rede de contatos, Ivete Vargas constituiu seu meio e suas relações, antecipando seu ingresso na política. Nesse ambiente, Ivete era uma mulher jovem rodeada por homens velhos que, durante sua longa trajetória política, foram desaparecendo. Assim, a transferência de Viriato Vargas para a capital federal e o conseqüente convívio entre neta e avô foram fundamentais na constituição de um capital social para Ivete. Conforme Pierre Bourdieu (1980), o capital social é o conjunto de recursos ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas na qual existe um reconhecimento tanto dos laços em comum quanto da utilidade de tais laços. A rede de relações de seu avô estava também imbricada com as de seu tio-avô, que exercia nada menos do que a Presidência da República, e com o qual, conforme a entrevista, Viriato e Ivete conviviam muito no palácio presidencial:



Acontece que as personalidades da República eram as visitas habituais de uma casa que me era familiar. Quando eu despertei a consciência para o conhecimento das coisas, ministro de Estado, governador, prefeito, enfim, as figuras importantes para mim eram o cotidiano (VARGAS, 1979, p. 22).

Analisando criticamente a entrevista, é preciso salientar algo que diz respeito à lógica narrativa: Ivete Vargas procura, de forma recorrente, constituir uma memória acerca de sua trajetória política como algo que se deu naturalmente, como se o ingresso na carreira política tivesse sido apenas consequência despreziosa da convivência em um meio cujas relações políticas estavam no cotidiano. Como um exemplo disso, a entrevistada faz recordar que sua festa de aniversário em 1934 coincidiu com a votação indireta para escolha do presidente da República:

No dia do meu aniversário, a família inteira, através do rádio, acompanhava o processo de eleição do velho Getúlio na Câmara. E, quando acabou, ele passou para apanhar tia Darci e para me dar um beijo [...]. Então, aquele homem que tinha acabado de ser eleito presidente da República – eu era muito pequenininha – era o tio que passava pela minha casa para buscar a mulher. Talvez eu tenha tido um dimensionamento da história do Brasil meio confuso nos meus primeiros anos (VARGAS, 1979, p. 24).

Dessa forma, Ivete Vargas inseriu o tema acerca de seu ingresso na carreira política, foco da primeira entrevista, constituindo uma narrativa cuja lógica é a de demonstrar que sua entrada e compreensão do mundo político seu deu por um caminho natural, familiar, do cotidiano enquanto neta e sobrinha. De toda a forma, a entrevista fornece vários indicativos de que acessar a esta rede de contatos propiciada pela convivência com seu avô foi importante na constituição de um capital social que, futuramente, lhe renderia dividendos políticos. Letícia Bicalho Canêdo (2002, p. 170) chama a atenção para a família como uma categoria da prática política, sendo a socialização uma das formas de acumulação do capital político: trata-se “do trabalho pedagógico doméstico de enquadramento, tendo em vista adquirir as disposições necessárias para a atividade política”. Isso exige, segundo a autora, o estabelecimento de laços precoces com o mundo político, incluindo a familiaridade com os lugares e as pessoas de poder, o exercício de falar em público, o controle das emoções em tais ocasiões, entre outros aspectos (CANÊDO, 2002, p. 171).

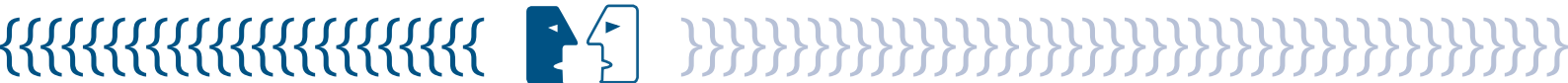


Assim, podemos inferir que, para Ivete Vargas, o meio político era um meio bastante familiar, com códigos e linguagens precocemente conhecidos, embora estar imersa nesse meio não tenha garantido por si o ingresso na carreira política *stricto sensu*. O meio familiar, além desse acesso a pessoas de influência em diversos meios (intelectuais, militares, profissionais de várias áreas e políticos estritamente), propiciou a Ivete uma parte importante na aquisição do domínio da linguagem comum ao meio político. É, como afirma Pierre Bourdieu (2012, p. 169), a necessária aquisição das competências para entrar com “alguma probabilidade de sucesso” no jogo político. Além do ambiente familiar, Ivete circulou por outros meios importantes para a aquisição dessas competências, como a escola e as faculdades, por exemplo. Mais ainda, outros dois ambientes lhe foram propiciados pela relação estreita com seu avô: o jornal *Brasil-Portugal* e o Instituto Nacional de Ciência Política.

Candida Ivette: a jornalista, das sombras às luzes

Em 11 de abril de 1944 circulou, no Rio de Janeiro, a primeira edição do jornal *Brasil-Portugal*, fundado por Viriato Vargas. Na entrevista ao CPDOC, Ivete Vargas explica o nome do periódico: teria sido por motivos comerciais que seu avô batizara assim o jornal, pois a colônia portuguesa era muito grande no Rio de Janeiro. Ivete também destaca o perfil político do veículo: “Era um jornal destinado a ter uma atuação política de sustentação do governo, não contando com verbas oficiais” (VARGAS, 1979, p. 31). As seções com assuntos dedicados aos portugueses poderiam garantir, assim, mais publicidade nas páginas do *Brasil-Portugal*. Conforme Ivete, seu avô não teria relações com a colônia portuguesa antes da fundação do jornal, mas, a partir de então, passou a ter, propiciando a ela a ampliação de seu leque de relações, como ressalta na entrevista: “Fazer relações num setor a que você se dedique é rapidíssimo. Você passa a ter o jornal e imediatamente começam a vir os convites; você vai a uma associação, conhece pessoas, em pouco tempo você está amiga de todo o mundo” (VARGAS, 1979, p. 31).

No concernente à estrutura editorial do jornal *Brasil-Portugal*, suas oito páginas diárias traziam manchetes relativas ao Brasil e a Portugal, na capa, onde também figuravam notícias acerca da II Guerra Mundial. Na segunda página, o editorial, geralmente assinado por Viriato Vargas e no qual se fazia a defesa do regime varguista, e na terceira página outras colunas, entre as quais a intitulada *Luzes e Sombras*, assinada por Candida Ivette. A quarta página



era totalmente dedicada a Portugal, havendo também a defesa do regime comandado por Antônio de Oliveira Salazar nas terras lusas. A página cinco continuava centrando a atenção nos portugueses, com um viés mais cultural. A página seis trazia a programação de Teatro, Cinema e Rádio. Na sétima página, os esportes e na contracapa notícias diversas e uma seção com noticiário policial. Os anúncios, abundantes em todas as páginas, indicam a capacidade de Viriato Vargas em angariar patrocínio ao empreendimento, o que viabilizou a tiragem diária do jornal entre 1944 e 1948⁸.

Ivete Vargas se tornou jornalista profissional aos 14 anos: “Eu tirei carteira profissional de menor, que era vermelha, no jornal *Aluno e Mestre*, uma revistinha que havia aqui no Rio. Eu fazia uns artiguinhos água com açúcar” (VARGAS, 1979, p. 34). Com a fundação do *Brasil-Portugal*, passou a trabalhar na redação, onde afirma ter produzido crônica social, crônica política, editoriais e trabalho de redação em geral. No jornal do avô, Ivete Vargas aprendeu o fazer jornalístico de fato, experiência que a credenciou para, inclusive, trabalhar em outros jornais mais tarde: “Eu conhecia todo o mundo, desde o linotipista, o pessoal da redação, o pessoal da seção de esporte. O jornal era o meu mundo” (VARGAS, 1979, p. 34).

Mais do que isso, trabalhar no jornal *Brasil-Portugal* proporcionou a Ivete mais aprendizado acerca do meio político, pois, credenciada pelo jornal, passou a fazer a cobertura dos assuntos da Câmara dos Deputados, assistindo às sessões na função de jornalista após a Assembleia Nacional Constituinte: “Pelo Brasil-Portugal eu fui credenciada na Câmara Federal em 1947. E comecei a fazer cobertura do plenário, fiquei íntima de tudo que era deputado” (VARGAS, 1979, p. 40). Em outro trecho da entrevista, Ivete reafirma a importância de haver trabalhado como jornalista na Câmara: “Isso me deu muita intimidade com deputados e senadores, muita vivência com o Parlamento e ao mesmo tempo muito convívio com outros jornalistas políticos como eu” (VARGAS, 1979, p. 63).

Na entrevista, Ivete afirma ter exercido diversas tarefas na redação do *Brasil-Portugal*. Apesar disso, raramente as matérias eram assinadas por ela nas primeiras edições do jornal. Nem sempre juntos, seu nome e sua imagem foram aparecendo gradualmente nas páginas do periódico, sendo interessante notar, portanto, que além de propiciar novos contatos e novos aprendizados – inclusive sobre o fazer político, na cobertura jornalística das sessões da Câmara – o jornal também possibilitou, aos poucos, uma visibilidade à Ivete Vargas. Isso foi aos poucos tirando o nome e a imagem de Ivete das sombras. Na segunda edição do

periódico, em 12 de abril de 1944, foi publicado um clichê que reproduzia duas fotografias em composição, ambas relativas aos atos inaugurais da redação: a primeira exhibe Viriato Vargas recebendo um representante do presidente Getúlio Vargas; a segunda, recebendo o diretor geral do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)⁹. Nesta última, exhibe-se, quase fora da cena, de costas para os homens da imagem e olhando para o fotógrafo a sorrir, uma mulher. Embora a legenda não a mencione, comparações com outras imagens permitem afirmar que se trata de Ivete Vargas.

Imagem 1 - Composição de imagens da inauguração do jornal Brasil-Portugal (1944)



Fonte: BRASIL-PORTUGAL (1944).

Também na segunda edição, no dia 12 de abril, estreou a coluna *Luzes e Sombras*, cuja colunista se identificava com o nome de Candida Ivette. Apenas ali, Ivete tinha seu nome reproduzido nas páginas de *Brasil-Portugal* em suas primeiras edições. Seu primeiro texto publicado na coluna foi *Mensagem ao jovem expedicionário*. Em tom emotivo, dirigia-se ao jovem brasileiro de partida para a guerra na Europa: “Mesmo que não voltes, meu jovem patrício, e fiques lá, do outro lado do oceano, na longínqua Europa, terás como companhia amiga, a velar por ti, a glória, companheira inseparável dos heróis”. O texto terminava em tom patriótico, destacando o orgulho em torno do “jovem expedicionário” que teria atendido, sem titubear, ao “primeiro chamado do chefe”, honrando assim o nome do Brasil (MENSAGEM..., 1944). O “chefe”, obviamente, era o chefe do Estado Novo, presidente Getúlio Vargas, tio-avô da colunista.

Na segunda coluna, no dia 15 de abril, fez um comentário acerca do pan-americanismo: “Hoje, ‘a América para os americanos’ é o brado de todas as



criaturas nascidas neste hemisfério, quer sejam ou não da mesma raça” (PANAMERICANISMO..., 1944). Em 18 de abril, o texto era dedicado às mulheres brasileiras e seu papel na guerra: “Todas as mulheres, nos mais diversos setores, estão plenamente integradas no gigantesco esforço de guerra do Brasil” (A MULHER..., 1944b). A Segunda Guerra, aliás, foi tema recorrente da coluna assinada por Candida Ivette. Mais do que disso, percebe-se a forma como, desde o princípio de sua atuação no *Brasil-Portugal*, Ivete busca enquadrar sua escrita aos ditames oficiais do regime estado-novista. Há, em determinadas edições de sua coluna, palavras de exaltação à figura de Getúlio Vargas, como no caso do texto intitulado *O amigo das crianças*, dedicado ao aniversário do presidente. Nele, Candida Ivette chamava Getúlio Vargas de “benfeitor de nossa Pátria”, destacando o seu sorriso “tão bom e acolhedor” que teria a capacidade de fazê-lo ser adorado “pelas crianças e pelos humildes” (O AMIGO..., 1944).

Algumas de suas colunas foram dedicadas a temas históricos. Fez, por exemplo, uma exaltação a Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, na edição do dia 21 de abril. Em tempos de envio da Força Expedicionária Brasileira para a guerra na Europa, é interessante notar o sentido que a autora atribui à morte de Tiradentes no cadafalso: “Visionário e idealista como era, deve ter morrido feliz, porque morreu pela Pátria” (TIRADENTES..., 1944). Conforme destacou Angela de Castro Gomes (1996, p. 184), o projeto político-cultural do Estado Novo procurava ressaltar a importância de personagens históricos que resumiriam em si mesmos as qualidades do povo brasileiro. Mais uma vez, percebe-se Ivete Vargas afinada com a ideologia estado-novista.

Outro acontecimento histórico destacado por Ivete foi a abolição da escravatura, em texto publicado em 13 de maio de 1944, acompanhada de uma gravura que representava o abolicionista José do Patrocínio. Para a autora da coluna, a escravidão havia sido uma página “bárbara” da história brasileira, mas condizente com um estágio de sua evolução histórica: “Ia se formando no Brasil adolescente, à sombra do tronco, uma raça embrutecida pelo sofrimento”. Plenamente de acordo com a cultura histórica de sua época e com as leituras do passado patrocinadas pelo Estado Novo, Candida Ivette dava centralidade ao papel exercido pela Princesa Isabel de Bragança: “Do alto do seu trono sabia ir até os humildes, ouviu o apelo dos abolicionistas [...] e se sagrou como uma das maiores figuras de benfeitoras da humanidade” (HÁ 56 ANOS..., 1945).

Buscando atrair a atenção da comunidade lusitana e luso-brasileira presente no Rio de Janeiro, o jornal *Brasil-Portugal* dava ênfase à presença de artistas portugueses na capital da República. Exemplo disso, o destaque dado à chegada

da fadista Amália Rodrigues, em julho de 1945, e a presença constante da atriz portuguesa Beatriz Costa. A visita desta última à redação do jornal, em maio de 1944, marcou a atuação de Ivete Vargas nas páginas do periódico: a partir da entrevista que fez com a atriz, a “redatora Srta. Candida Ivete Vargas” passou a ganhar destaque, inclusive com a publicação de imagens suas junto às matérias. Ivete Vargas foi aos poucos saindo das sombras da redação do jornal de seu avô e ganhando luzes aos olhos do público.

A entrevista, intitulada *A vida sentimental e artística de Beatriz Costa* ocupou metade da contracapa do jornal em 14 de maio de 1944 e foi acompanhada de uma imagem da entrevistada e da entrevistadora.

Imagem 2 – A atriz portuguesa Beatriz Costa e a jornalista Ivete Vargas (1944)



Fonte: VARGAS (1944).

Apesar do título, a entrevista não se deu exclusivamente em torno da carreira artística e da vida sentimental de Beatriz Costa. Portuguesa no Brasil, recebeu a pergunta sobre o que achava do Estatuto Especial para os Portugueses. Foi uma oportunidade para que a publicação da entrevista finalizasse com um aspecto positivo com relação a Getúlio Vargas. A resposta da atriz: “No dia em que o presidente Getúlio Vargas, cujo sorriso é um poema, assinar este decreto, será o dia mais feliz da minha vida e de todos os portugueses”. “É um sofrimento sermos considerados estrangeiros, nós que nos sentimos tão integrados nesta Pátria”, finalizou (VARGAS, 1944).

Após esta entrevista, o nome e imagem de Ivete Vargas ganharam destaque nas páginas do *Brasil-Portugal*. Exemplo disso, no dia 16 de junho de 1944

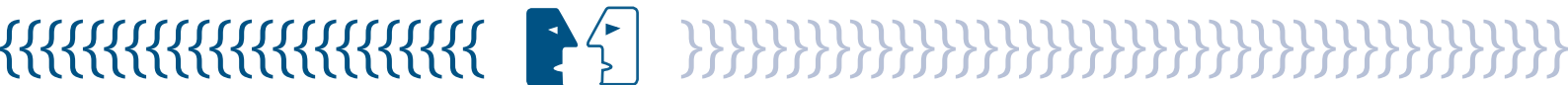


o jornal publicou a primeira de uma série de entrevistas com mulheres, todas assinadas por Cândida Ivette e acompanhadas de imagens dela com as entrevistadas. Trava-se da série *A mulher no após-guerra*, que na primeira edição teve Rosinha Mendonça Lima, esposa do ministro da Viação e Obras Públicas Mendonça Lima, como entrevistada. Nas demais edições, concederam entrevistas à Ivete Vargas: a professora e funcionária da seção de rádio do DIP, Ilka Labarte; a jornalista, escritora e presidente da Casa do Estudante do Brasil, Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça; a professora e escultora Margarida Lopes de Almeida; e a escritora e advogada Adalzira Bitencourt (A MULHER..., 1944a).

Não demoraria muito para o jornal *Brasil-Portugal* começar a exaltar as qualidades intelectuais de sua própria redatora, como nas vésperas de seu aniversário, na edição de 17 de junho de 1944, quando nota destacou o seguinte: “Inteligência viva e culta, Cândida Ivette, apesar de sua pouca idade, já conquistou o direito à admiração de todos quantos se dedicam às nobres coisas do espírito” (CÂNDIDA... 1944). A partir de agosto de 1944, o jornal começou a dar destaque para as atividades do Instituto Nacional de Ciência Política. Em março de 1945, ênfase à participação de Ivete Vargas no mesmo. Em sua contracapa, em 03 de março, anunciou a palestra da “jovem e talentosa escritora Candida Ivete Vargas Tatsch” (CÂNDIDA..., 1945). Nas páginas do *Brasil-Portugal*, iluminava-se outra faceta na constituição do capital social e político de Ivete Vargas: a escritora, termo pelo qual se enquadrava a atividade intelectual da redatora do periódico no Instituto Nacional de Ciência Política.

Cândida Ivete Vargas Tatsch e o Instituto Nacional de Ciência Política

Ivete Vargas formou-se no ensino superior em meados da década de 1940, licenciando-se em Geografia e História e em Letras Neolatinas na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Ainda cursou a Faculdade de Direito por dois anos, tendo que abandonar o curso por falta de tempo quando já era deputada. Tal formação somada ao exercício do jornalismo já seria suficiente para inserir a personagem no meio intelectual. Foi a partir de um trabalho da faculdade que Ivete estreou como palestrante no Instituto Nacional de Ciência Política (INCP). Este, entretanto, além de um círculo de sociabilidade e de discussões intelectuais – em um período de estreita ligação dos intelectuais com o Estado, e, portanto, com a política, como salienta Mônica Pimenta Velloso (1997) – foi considerado por Ivete um marco na sua formação política.



O Instituto Nacional de Ciência Política havia sido idealizado pelo jurista, advogado e jornalista Pedro Vergara (1895-1979) e fundado em 1940. Seria um espaço destinado a congregar intelectuais afinados com a ideologia do Estado Novo, sob a chancela do DIP (MARTINELLI, 2016, p. 259). Além de editar a revista *Ciência Política*, o instituto realizava sessões aos sábados na sede da Associação Brasileira de Imprensa (AIB), tratando de temas variados (MARTINELLI, 2016, p. 260). Ivete Vargas incluiu em sua entrevista um relato sobre sua audiência nessas sessões, sempre acompanhando seu avô Viriato: “Eu ia todos os sábados com meu avô e todo o mundo fazia conferências. Eu prestava atenção, havia debates que depois eram publicados. Eu gostava” (VARGAS, 1979, p. 29).

Mais do que um lugar de aprendizado teórico acerca dos princípios ideológicos que norteavam o Estado Novo e essa intelectualidade, e de nutrir-se de informações sobre questões estatais, a presença de Ivete Vargas no Instituto Nacional de Ciência Política serviu para ampliar sua rede de contatos. Afirmou ter conhecido, no Instituto, “gente da administração em geral, que era convidada a ir lá. Foi para mim uma escola de política” (VARGAS, 1979, p. 29-30). É preciso dar atenção para esta última frase também para além do aspecto teórico: tais atividades foram mais um passo no aprendizado de habilidades necessárias à prática política, especialmente no que diz respeito à oratória.

Ivete Vargas havia realizado um trabalho da faculdade de História no qual o professor a solicitava desmentir a tese de que a Idade Média havia sido uma “longa noite de dez séculos”. Diante disso, produziu um trabalho sobre a origem do Humanismo e da Renascença, obtendo a nota máxima. Em seguida, seu avô pediu para que ela apresentasse o trabalho no Instituto. Conforme a síntese trazida pela revista *Ciência Política*, boletim mensal do INCP, sua primeira palestra, com o tema Humanismo e Renascimento, deu-se em 27 de novembro de 1943, antes ainda da fundação do jornal *Brasil-Portugal* (RETROSPECTO..., 1944). Conforme a entrevista, Ivete pôde exercitar outras vezes a habilidade de discursar em público a partir dessa palestra: “Posteriormente, já tendo feito a primeira estreia, meu avô me deu mais uns dois ou três temas para eu pesquisar, já então sobre a realidade brasileira” (VARGAS, 1979, p. 39).

Na sessão do Instituto Nacional de Ciência Política realizada na sede da ABI em 30 de dezembro de 1944, Ivete Vargas palestrou sobre a Idade Média. O boletim daquele mês destaca não apenas o conteúdo, mas a forma como a palestrante se pronunciou: “Falando de improviso, a jovem oradora prendeu a assistência, de princípio ao fim, com sua palavra bem timbrada, mostrando-se inteiramente senhora do assunto bastante difícil por ela abordado” (SESSÃO...,

1944). Confirma-se, portanto, que tais palestras possibilitaram à Ivete Vargas exercitar as habilidades relativas à oratória e valorizadas conforme o comentário publicado na revista: falar de improviso, prender a audiência, demonstrar domínio do assunto. Conforme veremos logo adiante, estas habilidades seriam necessárias em um contexto distinto: os comícios de campanha eleitoral.

As palestras de Ivete Vargas no Instituto também serviam para dar ainda mais visibilidade à redatora do *Brasil-Portugal*. Nas páginas do periódico, essas falas eram anunciadas, como em 3 de março de 1945, quando Ivete discursou sobre a chamada Revolução Farroupilha (1835-1945), e noticiadas na edição seguinte:

Candida Ivete, a nossa ilustre colaboradora [...] por várias vezes se tem feito aplaudir em magníficas e documentadas conferências [...]. Ontem, tivemos o infinito prazer de assistir a novo trabalho seu sobre a Revolução Farroupilha, do Rio Grande do Sul, e podemos garantir que foi, sem dúvida, uma das suas mais belas conferências (A SESSÃO..., 1945a).

Imagem 3 – Ivete Vargas e demais palestrantes do Instituto Nacional de Ciência Política



Fonte: A SESSÃO...(1945a).

Tanto o jornal *Brasil-Portugal* quanto a revista *Ciência Política* ressaltam que essa fala de Ivete Vargas no dia 03 de março destacou-se também pela exaltação, ao final da fala, ao governo de Getúlio Vargas, que, segundo ela, mereceria a estima de todos os brasileiros devido a suas realizações (A SESSÃO..., 1945a,

1945b). Logo em seguida, na edição de 11 de março, o jornal destacou que Ivete teria concedido uma entrevista a um outro diário do Rio de Janeiro. Por motivos que afirmavam desconhecer, a entrevista não havia sido publicada. Diante disso, o *Brasil-Portugal* publicou aquilo que teria sido o teor da entrevista de Ivete, sob o título *Entre os Vargas nunca houve um traidor – declara Candida Ivete*. Entre outras coisas, Ivete teria afirmado que apoiava incondicionalmente Getúlio Vargas: “Seja para qual for sua atitude: aceitar a sua candidatura, apoiar outra, ou mesmo não apresentar nenhuma” (ENTRE..., 1945).

As afirmações de Ivete Vargas, nessa entrevista mencionada pelo *Brasil-Portugal*, se deram em um momento de indefinições quanto à continuidade da presidência de Getúlio Vargas. Poucas semanas antes, havia sido decretada a Lei-Constitucional N.º 9, estabelecendo o prazo de noventa dias para publicação de uma Lei Eleitoral e para que fossem marcadas eleições. Exatamente naquele 11 de março, em discurso proferido no Automóvel Clube do Brasil, Getúlio afirmou, pela primeira vez publicamente, que não seria candidato (GOMES, 2005, p. 280-281).

Nos meses seguintes, os partidos políticos e as disputas eleitorais estariam de volta ao centro do debate político. Foi nesse contexto que Ivete Vargas, neta de Viriato Vargas, jornalista do *Brasil-Portugal*, intelectual do Instituto Nacional de Ciência Política, deu um passo definitivo para seu ingresso na carreira política e passou a contar com mais um espaço e mais uma atividade de aprendizado acerca desse *métier*: o partido político e as campanhas eleitorais.

Ivete Vargas: candidata à deputada federal pelo PTB

A primeira menção que Ivete Vargas faz ao PTB, em sua entrevista ao CPDOC, chama atenção novamente para o papel de Viriato Vargas em sua entrada para a política:

Quando eu já era jornalista, de repente, num belo dia, meu avô me disse assim: “Olha, hoje nós vamos sair”. Eu perguntei: “Vamos ao jornal?”. Ele respondeu: “Não. Nós vamos a uma reunião política”. Eu perguntei: “Fazer o quê?” Ele respondeu: “Nós vamos ajudar a fundar um partido”. [...] Então, eu sou signatária da ata de fundação do PTB (VARGAS, 1979, p. 37).

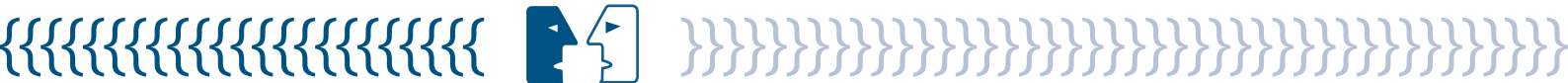
Desde abril, o jornal *Brasil-Portugal* fazia ampla e destacada divulgação da candidatura a presidente do General Eurico Dutra, que havia sido lançado

pela sigla da situação, o recém fundado Partido Social Democrático (PSD). Não há indicativos, na entrevista, acerca dos motivos que levaram Viriato, e conseqüentemente Ivete, à filiação ao PTB e não ao PSD. O PTB havia sido fundado por sindicalistas chancelados pelo Ministro do Trabalho Marcondes Filho e, portanto, com as bênçãos de Getúlio Vargas. Conforme Angela de Castro Gomes (2005, p. 282), PSD e PTB nasceram da frustração do projeto de criação de um único partido situacionista – como vinha sendo gestado pelo Estado Novo. Com a definição do PSD como um partido nacional da cúpula governamental estado-novista e dos interventores, caberia ao PTB reunir as lideranças sindicais getulistas e servir de opção partidária ao trabalhador brasileiro (GOMES, 2005, p. 282)¹⁰.

Diversos trechos da entrevista de Ivete Vargas permitem observar que ela não exerceu qualquer atividade enquanto dirigente partidária no período de 1945 a 1950, embora fosse filiada e participasse das reuniões. Suas atividades nesse período permaneceram ligadas principalmente ao jornalismo – com destaque para a cobertura das sessões da Câmara dos Deputados a partir de 1947. A atividade política de Ivete nesse período foi sazonal, mas permitiu novos aprendizados acerca da política, já sob os ares da democracia. Ivete afirma ter participado das campanhas eleitorais do PTB, especialmente em 1947: “Fiz comício em porta de fábrica, distribuí cédulas eleitorais. Tive uma atuação muito grande. Sentia-me integrante do PTB e ia a todas as reuniões do partido junto com meu avô” (VARGAS, 1979, p. 63).

As campanhas eleitorais permitiram a Ivete entrar em contato com o eleitorado, segundo ela, distribuindo cédulas do PTB em obras de construção civil e em portas de fábrica. Além disso, o período eleitoral a propiciou fazer uso das habilidades adquiridas em meios e atividades anteriores, como o exercício da oratória – só que, a partir de então, nos comícios. Por razões que as fontes ainda não elucidam, Viriato Vargas havia constituído um núcleo de relações no bairro de São Cristóvão, na então capital federal. Teria sido lá a estreia de Ivete Vargas nos comícios. Na entrevista ao CPDOC, Ivete narra em detalhes sua participação nesse comício e o papel de seu avô, indicando a importância desse episódio na rememoração acerca de seu ingresso na política:

De repente meu avô chega e diz assim: “Tu vais falar hoje de noite”. [...] Então, eu me preparei para falar, escrevi um troço caprichado. Quando chegou na hora, o meu avô catou o discurso e me disse assim: “Fala”. Eu acredito que seja o mesmo método que adota o professor de natação para ensinar o filho a nadar:



joga dentro da água (VARGAS, 1979, p. 37-38).

Aceitando a plausibilidade da narrativa, a preparação de um discurso escrito por Ivete e a atitude de Viriato, forçando-a a falar de improviso, são indicativos da necessidade de Ivete adaptar a sua formação anterior ao tipo de fala exigida por um novo público e pelas novas circunstâncias – em que se saía de um regime autoritário para uma experiência de democracia. Na sequência, Ivete traz mais detalhes do episódio:

Quando chegou na hora, no comício, havia o palanque e tal. [...] Meu avô, na hora, me tomou o papel e disse: “Fale, você pode falar. Você sabe, você escreveu, você vai dizer o que você escreveu”. Eu engoli seco, mas mandei brasa; foi o jeito. Eu acho que ele fez muito bem. Talvez, se ele não tivesse tomado o papel, eu não tivesse vencido aquela inibição [...]. Eu sempre falei de improviso na Câmara e tive muito êxito como oradora na minha carreira política. Em São Paulo eu era considerada um dos bons oradores políticos. E tudo começou num comício em São Cristóvão (VARGAS, 1979, p. 39).

Obviamente que, do ponto de vista da crítica histórica, não se pode estabelecer uma relação automática entre o episódio do primeiro comício e um possível sucesso em termos de oratória na sequência da carreira política de Ivete Vargas, como a entrevistada formula em sua narrativa. Entretanto, esse excerto traz mais um indicativo da importância do aprendizado prévio, no âmbito familiar, escolar e, como vimos, na atividade jornalística e intelectual, para o exercício da política. Além disso, percebe-se, mais uma vez, a importância do capital social constituído a partir da relação com o avô e seus dividendos políticos. Conforme Ivete, as lideranças do bairro de São Cristóvão, que frequentavam a casa de Viriato e criaram vínculos com ambos, seriam a base de sua pretendida candidatura à deputada federal.

Na sequência do depoimento, Ivete apresenta sua versão para os fatos que a levaram a não concorrer a uma vaga na Câmara pelo Distrito Federal e sim por São Paulo. Ela aponta a seguinte razão que teria inviabilizado sua candidatura pelo Distrito Federal: o deputado federal Segadas Viana pretendia reeleger-se deputado com grande votação, para ganhar projeção. Por sua vez Luthero Vargas seria candidato ao Senado. Quando Getúlio Vargas definiu Alencastro Guimarães como candidato a senador, restou a Luthero concorrer a deputado federal. Diante disso, evitando a concorrência, Segadas teria indicado Ivete



como candidata a vereadora (VARGAS, 1979, p. 40). Como Ivete pretendia concorrer à deputada federal, afirma ter recebido outros convites, incluindo o de Adhemar de Barros (1901-1969) para concorrer por sua sigla, o Partido Social Progressista (PSP) no Rio de Janeiro e, mais tarde, por São Paulo¹¹.

Na sequência, Ivete aponta os motivos pelos quais a escolha recaiu sobre São Paulo: “Era o maior estado da federação, com o maior eleitorado de trabalhadores do Brasil. [...] Era um estado que estava com o campo aberto para mim e um estado que me fascinava representar pela sua expressão” (VARGAS, 1979, p. 42). A inclusão na chapa por São Paulo deu-se pelas mãos do major Newton Santos, presidente do PTB paulista. Ivete narra a conversa que teria tido com o major:

[Newton Santos disse:] “Eu faço questão de trazer você para São Paulo”. Eu disse: “Não, eu não posso ser candidata por São Paulo. Eu não tenho um trabalho político em São Paulo” [...]. Ele disse: “Não. Você está desconhecendo que os trabalhadores têm identificação não com um estado, em termos de fronteiras. Os trabalhadores de São Paulo, do Amazonas e os do Rio Grande do Sul têm compromisso com o seu tio. [...] Eu me encarrego de você na chapa”. Eu disse: “Então eu topo ser candidata” (VARGAS, 1979, p. 72-73).

Independentemente de a lembrança ser ou não fiel aos fatos em suas minúcias, o mais importante da narrativa acima é aquilo que foi apontado por Ivete como o argumento decisivo para o aceite de sua candidatura: a identificação dos trabalhadores com Getúlio Vargas. Um detalhe da narrativa de Ivete acerca da inclusão de seu nome na chapa de candidatos por São Paulo revela algo importante, quando se refere ao major Newton Santos: “Tinha ficado meu amigo em Itu” (VARGAS, 1979, p. 72). Itu era a fazenda onde Getúlio Vargas vivia depois de seu afastamento da presidência da República, localizada entre os municípios de Itaqui e São Borja, no Rio Grande do Sul. Ivete Vargas esteve em Itu e, mais do que isso, aproximou-se de seu tio-avô Getúlio nesse período. A correspondência entre Ivete e Getúlio traz mais algumas peças do quebra-cabeças relativo ao ingresso de Ivete Vargas na carreira política.

As cartas enviadas por Ivete a Getúlio, a partir de 1948, evidenciam a forma como a personagem buscou se aproximar e conquistar a confiança do seu tio-avô, então ex-presidente isolado na fazenda do Itu e distante dos acontecimentos da capital federal. Em carta desse ano, sem data, Ivete aponta o objetivo explícito da correspondência:



Torno a enviar-lhe as notícias e os mexericos daqui. Escuto, guardo e coleciono tudo, visando a fazer chegar ao seu conhecimento. Torno a repetir-lhe que sei que o senhor tem pra cá bons observadores. Mas às vezes uma pequenina peça, aparentemente sem importância, ajuda a completar o puzzle (CARTA..., 1948).

A correspondência de Getúlio Vargas no acervo do CPDOC demonstra que, durante esse período de afastamento, o ex-presidente era nutrido de informações através de cartas enviadas por pessoas específicas, com destaque para sua filha Alzira Vargas. A partir de 1948, é possível perceber a intenção de Ivete Vargas em fazer parte desse seleto grupo que enviava notícias e observações a Getúlio. Nessa carta de 1948, como em outras do início da correspondência, ressentia-se do fato do tio-avô não lhe responder. Assim começa sua carta de maio de 1949: “Não lhe escrevo há muito tempo porque tenho andado ocupadíssima e porque estou muito ofendida consigo, que não me respondeu nem a carta do aniversário [19 de abril]” (CARTA..., 1950a). Mesmo assim, segue enviando a Getúlio informações, comentários sobre notícias veiculadas na imprensa da capital, resumos e observações sobre conversas que teve ou escutou.

Na carta de maio de 1949, Ivete Vargas faz um comentário interessante sobre o PTB de São Paulo, onde Getúlio havia sido eleito senador em 1945, mas a estrutura partidária do PTB se demonstrava frágil, suas lideranças cindidas e pressionadas pela influência de Adhemar de Barros. Afirmou Ivete:

São Paulo é 50% seu, eleitoralmente falando. Mas quem são os chefes para conduzir essa massa? A tal comissão de reestruturação é composta por um ademarista e por outros dois ineptos. Eu não estou sendo nada elegante. Mas estou irritadíssima. Quero-lhe muito. Vejo o seu prestígio. Desejaria que o nosso partido fosse o que ele poderia ser. E por isso tenho raiva dos que impedem que ele seja o que eu desejaria que ele fosse (CARTA..., 1949a).

Duas frases desse excerto dizem algo sobre o objetivo implícito dessas cartas: “Quero-lhe muito. Vejo o seu prestígio”. Ao nutrir Getúlio de informações, Ivete busca demonstrar seu apreço e sua lealdade política. E fazia isso consciente do prestígio (e, em outros termos, da popularidade eleitoral) de seu tio-avô. Já inserida na vida partidária, certamente Ivete tinha noção do que significava, em termos de ascensão política, contar com as bênçãos de seu tio-avô. Nas cartas, traça perfis de outros apoiadores, como estes a quem chama de “ineptos”, talvez como uma maneira de ser vista por Getúlio como uma apoiadora mais eficaz

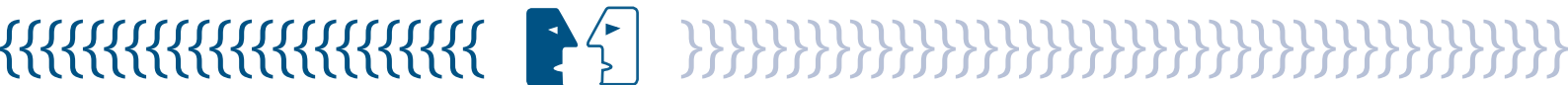


e leal. Não há elementos para contrariar o que Ivete afirmou na entrevista, no final dos anos 1970, sobre concorrer por São Paulo ter sido uma opção de última hora, mas a carta de maio de 1949 identificando a força de Getúlio entre os eleitorado paulista e a suposta ineptidão das lideranças petebistas naquele Estado permite inferir que, a essa altura, Ivete já tinha noção de que São Paulo poderia ser um caminho viável para sua ascensão política.

Em agosto de 1949, há o primeiro indicativo de que Getúlio Vargas passou a responder às cartas de Ivete¹². Na missiva de 16 de agosto de 1949, ela afirma que havia escrito uma carta que a havia reformulado quando recebera a resposta de Getúlio: “Gostei muito de receber a sua resposta. Fiquei surpreendida ao saber que o senhor não recebeu a carta do aniversário”. Nessa, pela primeira vez, Ivete se manifesta favorável à candidatura de Getúlio Vargas a presidente nas eleições de 1950. Conforme sua argumentação, a disputa seria difícil, mas o ex-presidente teria muita chance de vencer e nada a perder em caso de derrota, pois continuaria no cargo de senador. Para ela, a não candidatura de Vargas teria uma implicação grave: “Caso o senhor não seja candidato não conseguirá nem fazer uma grande bancada, nem reestruturar definitivamente o partido” (CARTA..., 1949b).

Assim, Ivete já demonstrava ter plena consciência de que a candidatura de Getúlio poderia levar consigo a vitória de um bom número de deputados federais pelo PTB. Não é possível afirmar, mas permitido cogitar, que Ivete já estivesse pensando em sua própria candidatura à Câmara dos Deputados. Mais uma vez, adota a estratégia de criticar a atuação dos petebistas, dessa vez referindo-se à bancada federal: “É lamentável. A nossa bancada, além de pequena, é de incapazes”. Em seguida, uma frase de Ivete evidencia a sua vontade de estar à disposição de Getúlio para esta tarefa: “Como eu gostaria de ser homem, e ser mais velho, para ajudá-lo como eu sinto que o senhor necessita ser ajudado com inteligência, lealdade e personalidade” (CARTA..., 1949b). Dessa forma, Ivete reconhece as suas limitações diante de um meio político dominado por homens velhos: era mulher e jovem. Mas deixa claro a Getúlio que, além de poder contar com sua lealdade, tinha a oferecer o domínio de competências que poderiam contribuir para o sucesso na ação política.

Na carta enviada por Ivete a Getúlio em outubro de 1949, mais um indicativo de que Getúlio de fato reagia e respondia às missivas de sua sobrinha-neta: “Recebi seu cartão, que me deixou imensamente orgulhosa” (CARTA..., 1949c). No início de 1950, a relação com Getúlio ganharia mais proximidade com Ivete passando um tempo na fazenda do tio-avô em São Borja. De volta ao Distrito



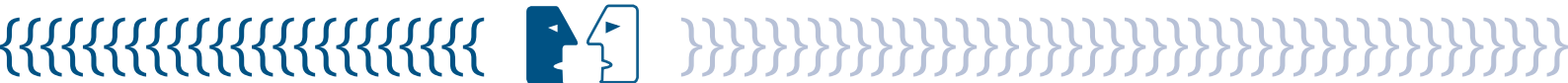
Federal, envia notícias acerca de suas atividades: “Estou trabalhando [...] e hoje de noite sou paraninfa de uma turma de 150 moças, que se formam numa escola de corte e costura no subúrbio. Depois da solenidade da formatura vamos fazer um comício”. Nessa carta, já havendo estreitado a relação com Getúlio, Ivete é mais explícita quando aos seus objetivos políticos e dá a entender que contava com algum grau de apoio do tio-avô aos seus planos de ascensão política, embora precisasse de uma confirmação:

Eu tenho minhas pretensões, é verdade, que há nisso uma parcela de desejo de subir e de ser alguém, mas, acredite, que elas se fundamentam, sobretudo, no desejo de lhe ser útil e de poder colaborar mais intensamente consigo. Não quero fazer papel de boba. Trabalhei até agora com reservas, mas depois de conversar consigo creio que não posso mais ter dúvidas. Posso trabalhar às claras, pois o senhor não me desapará. Mande-me, contudo, um dos seus recados enigmáticos: ‘Que estou certa, que posso ficar descansada,’ pois apesar de achar que o senhor concorda inteiramente com minhas pretensões não tive do senhor uma definição clara (CARTA..., 1950b).

Nessa carta, Ivete Vargas deixa claro sua pretensão de ascender politicamente e a importância do apoio de Getúlio para isso. Na sequência, explicita o que precisava exatamente de parte de seu tio-avô: “Se o senhor não me incluir na chapa, eu não tenho esperança de ser incluída pelos convencionais” (CARTA..., 1950b). Ivete acabaria não sendo incluída na chapa de candidatos pelo Distrito Federal, decisão da qual Getúlio não teria tomado parte conforme bilhete enviado por Getúlio ao seu irmão Viriato e pela narrativa de Ivete a Getúlio acerca de conversas com Alzira Vargas e Salgado Filho (CARTÃO..., 1950; CARTA..., 1950c). O importante nessa correspondência está em evidenciar a percepção de Ivete Vargas sobre a importância de estreitar relações com Getúlio para suas pretensões de ascender politicamente.

Considerações finais

Na entrevista ao CPDOC, Ivete Vargas destaca o papel do seu sobrenome e de sua capacidade de oratória na campanha para deputada federal em 1950: “Como apareci falando bem, alcancei repercussão popular. Eu era a única pessoa de nome Vargas em São Paulo. [...] Então, eu falava pelo meu tio” (VARGAS, 1979, p. 74-75). Dois aspectos merecem atenção nesse excerto: primeiro, a valorização das habilidades adquiridas nas experiências anteriores, no caso da



oratória; segundo, o fato de que Ivete falava em nome de Getúlio nos comícios de sua campanha em São Paulo, ocasião em que foi eleita deputada federal¹⁵.

Pierre Bourdieu (2012, p. 191) chama a atenção para duas espécies de capital político: o capital pessoal de notoriedade e de popularidade, fundado no fato de ser conhecido e reconhecido (reputação, “ter um nome”) e de ter qualificações específicas, sendo frequentemente produto da reconversão de um capital de notoriedade acumulado em outros campos. No caso de Ivete Vargas, esta notoriedade viria da reconversão política dos recursos familiares, da formação intelectual e da atividade como jornalista. O segundo tipo de capital político para Bourdieu é o delegado, “produto da transferência limitada e provisória de um capital detido e controlado pela instituição e só por ela: é o partido” (BOURDIEU, 2012, p. 191). Ocorre que, no caso do PTB naquele momento, não havia ainda uma história de acumulação de um capital simbólico da instituição. Com pouca estrutura política, o grande recurso de poder do PTB era a identificação com Getúlio Vargas, e Ivete sabia disso.

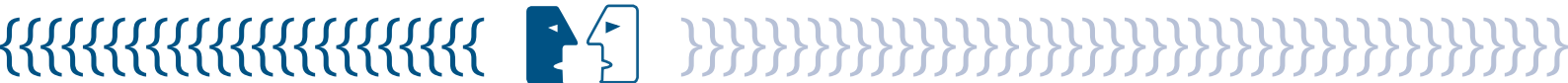
É verdade que Ivete Vargas era sobrinha-neta de Getúlio e que seu avô, seus tios-avôs, tios e primos eram políticos. Entretanto, se a herança familiar foi importante, isso não garantiu a ela, por si só, o ingresso na carreira política. A entrada de Ivete Vargas na política não se deu antes da acumulação de recursos adquiridos em espaços e atividades distintas, algumas com propósito de formação política explícito ou não, como as faculdades de Geografia e História e de Letras, o Instituto Nacional de Ciência Política, a atividade jornalística. E se deu também pela combinação entre as competências previamente adquiridas e as ações práticas de seu avô e suas próprias visando a ascensão política – incluindo o estreitamento deliberado de suas relações com Getúlio Vargas.

Em outras palavras, Ivete Vargas agiu ativamente para ingressar com sucesso na carreira política e, quando teve a oportunidade de concorrer a deputada federal, já contava com os recursos e competências que, convertidos em capital político, foram importantes para o sucesso dessa candidatura – bem como a herança familiar. Eleita deputada federal aos 23 anos, Ivete Vargas já contava com uma base que lhe permitiria, com êxito e durante décadas, lidar com os códigos e práticas de um meio predominantemente masculino, e com as habilidades necessárias para atuar com eficácia nas luzes e sombras desse *métier*.



Referências

- A MULHER no após-guerra. *Brasil-Portugal*, Rio de Janeiro, 16,18,21,23-24 jun. 1944a. [BN].
- A MULHER brasileira na guerra. *Brasil-Portugal*, Rio de Janeiro, p. 3, 18 abr. 1944b. Luzes e sombras. [BN].
- A SESSÃO de ontem no Instituto Nacional de Ciência Política. *Brasil-Portugal*, Rio de Janeiro, 4 mar. 1945a. Contracapa. [BN].
- A SESSÃO do dia 03 de março de 1945. *Ciência Política*, Rio de Janeiro, v. 10, fasc. 3, p. 17, mar. 1945b. [BN-HD].
- AMARAL, Sandra Maria do. *O teatro do poder: as elites políticas no Rio Grande do Sul na vigência do Estado Novo*. Ijuí: Unijuí, 2013.
- BENEVIDES, Maria Victória. *O PTB e o trabalhismo: partido e sindicato em São Paulo (1945-1964)*. São Paulo: brasiliense, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. Le capital social. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Lyon, v. 31, n. 1, p. 2-3, 1980.
- BOURDIEU, Pierre. L'ilusion biographique. *Actes de la recherche en Sciéllces Sociáles*, Lyon, v. 62/63, p. 69-72, jun. 1986.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.
- BRASIL-PORTUGAL. Rio de Janeiro, 11 abr. 1944. Capa. [BN].
- CÂNDIDA Ivete falará hoje no Instituto Nacional de Ciência Política. *Brasil-Portugal*, Rio de Janeiro, 3 mar. 1945. Contracapa. [BN].
- CÂNDIDA, Ivete Vargas Tatsch. *Brasil-Portugal*, Rio de Janeiro, p. 2, 17 ago. 1944. [BN].
- CANÊDO, Letícia Bicalho. Herança na política ou como adquirir disposições e competências necessárias às funções de representação política. *Pro-Posições*, Campinas, v. 13, n. 39, p. 169-198, 2002.
- CARTA de Ivete Vargas a Getúlio Vargas. maio 1950a. CPDOC-FGV. GV c 1949.05.00.
- CARTA de Ivete Vargas a Getúlio Vargas. maio 1949a. CPDOC-FGV. GV c



1949.05.00.

CARTA de Ivete Vargas a Getúlio Vargas. 16 ago. 1949b. CPDOC-FGV. GV c 1949.08.16.

CARTA de Ivete Vargas a Getúlio Vargas. 1948. CPDOC-FGV. GV c 1948.00.00/4.

CARTA de Ivete Vargas a Getúlio Vargas. 30 abr. 1950b. CPDOC-FGV. GV c 1950.04.30.

CARTA de Ivete Vargas a Getúlio Vargas. jul. 1950c. GV c 1950.07.00/2.

CARTA de Ivete Vargas a Getúlio Vargas. out. 1949c. CPDOC-FGV. GV c 1949.10.00.

CARTÃO de Getúlio Vargas a Viriato Vargas. 3 jul. 1950. CPDOC-FGV. GV c 1950.07.03/1.

D'ARAÚJO, Maria Celina. *O PTB de São Paulo: de Vargas à Ivete*. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 1988.

D'ARAÚJO, Maria Celina. Partidos trabalhistas brasileiros: reflexões atuais. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 6, p. 196-206, 1990.

DUTRA, Eliana de Freitas. Para uma sociologia histórica dos testemunhos: considerações preliminares. *Locus*, Juiz de Fora, v. 6, n. 2, p. 75-82, 2000.

ENTRE os Vargas nunca houve um traidor – declara Candida Ivete. *Brasil-Portugal*, Rio de Janeiro, 11 mar. 1945. Contracapa. [BN].

GOMES, Angela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. 3 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

GOMES, Angela de Castro. *História e historiadores*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

GRIJÓ, Luiz Alberto. *O jogo das mediações: Getúlio Vargas e sua geração no Rio Grande do Sul da I República*. Porto Alegre: Homo Plasticus, 2017.

HÁ 56 ANOS. *Brasil-Portugal*, Rio de Janeiro, 13 maio 1945. Luzes e sombras. Contracapa. [BN].

MARTINELLI, Verônica Vieira. O Instituto Nacional de Ciência Política nas páginas de sua revista. ENCONTRO DE PESQUISAS HISTÓRICAS - PPGH/PUCRS, 3., 2016, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: PUCRS, 2016. p. 254-265.

MENSAGEM ao jovem expedicionário. *Brasil-Portugal*, Rio de Janeiro, p. 3, 12 abr.



1944. Luzes e sombras. [BN].

O AMIGO das crianças. *Brasil-Portugal*, Rio de Janeiro, p. 3, 20 abr. 1944. Luzes e sombras. [BN].

OFFERLÉ, Michel. Los oficios, la profesión y la vocación política. *PolHis*, Mar del Plata, ano 4, n. 7, p. 84-99, 2011.

PANAMERICANISMO. *Brasil-Portugal*, Rio de Janeiro, p. 2, 15 abr. 1944. Luzes e sombras. [BN].

PINTO, Céli Regina Jardim. Elas não ficaram em casa: as primeiras mulheres deputadas na década de 1950 no Brasil. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 33, n. 62, p. 459-490, maio/ago. 2017.

RETROSPECTO das sessões realizadas no Instituto Nacional de Ciência Política. *Ciência Política*, Rio de Janeiro, v. 8, fasc. 1, p. 105-114, jan. 1944. [BN-HD].

SESSÃO do dia 30 de dezembro de 1944. *Ciência Política*, Rio de Janeiro, v. 9, fasc. 6, p. 23, dez. 1944. [BN-HD].

TIRADENTES. *Brasil-Portugal*, Rio de Janeiro, p. 3, 21 abr. 1944. Luzes e sombras. [BN].

VARGAS, Candida Ivete. A vida sentimental e artística de Beatriz Costa. *Brasil-Portugal*, Rio de Janeiro, 14 maio 1944. Contracapa. [BN].

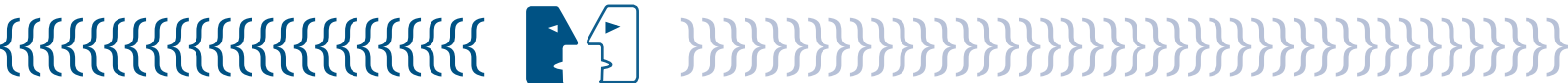
VARGAS, Ivete. *Ivete Vargas (depoimento, 1977-8)*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC-História Oral, 1979.

VARGAS, Ivete. In: DICIONÁRIO Histórico-Biográfico Brasileiro. Verbetes atualizado por Luís Otávio de Sousa. Rio de Janeiro: CPDOC- FGV, 2018. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/vargas-ivete>. Acesso em: 20 ago. 2018.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, n. 9, p. 57-74, 1997.

Notas

¹Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista do CNPq. E-mail: douglasangeli@hotmail.com. Este artigo é resultado da pesquisa de doutorado orientada pela Dra. Carla Brandalise no PPGH UFRGS e do estágio de pesquisa realizado no Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), sob a supervisão do



Dr. Américo Oscar Guichard Freire, entre abril e junho de 2018.

²Na grafia utilizada pelo jornal, Candida Ivette, sem acento circunflexo e com a letra tê duplicada.

³Não foram localizadas teses ou dissertações sobre a trajetória de Ivete Vargas no banco de teses da CAPES. Os trabalhos que tratam do PTB de São Paulo no período 1945-1964 analisam a atuação de Ivete Vargas a partir de sua eleição para deputada federal, em 1950, e, principalmente, a partir do controle que esta passa a exercer sobre a máquina partidária do PTB paulista após 1954, com destaque para os trabalhos de Maria Celina D'Araújo (1988, 1990) e de Maria Victória Benevides (1989). Recentemente, trabalhos destacam Ivete Vargas entre as primeiras deputadas federais eleitas no Brasil. Sobre esse aspecto, ver Céli Regina Jardim Pinto (2017).

⁴Partindo das informações constantes no verbete VARGAS (2018).

⁵Luiz Alberto Grijó (2017) explicou o sucesso das principais lideranças políticas da chamada “geração de 1907”, como Getúlio Vargas, João Neves da Fontoura, Osvaldo Aranha e outros. O autor destaca aquilo que caracterizou a tais trajetórias: as lógicas variadas (jurídica, burocrática, institucional, jornalística, dos combates militares) que iam dominando a partir de reconversões de recursos previamente detidos, bem como a importância de situações bem aproveitadas por estes políticos no início de suas trajetórias (GRIJÓ, 2017, p. 114-115). Por sua vez, Letícia Bicalho Canêdo (2002) refletiu sobre a formação e socialização dos políticos, analisando as elites políticas de Minas Gerais e São Paulo na década de 1950, destacando a aprendizagem das competências necessárias ao exercício da profissão política. Partindo das informações.

⁶Foram três entrevistas entre novembro de 1977 e outubro de 1978, sendo entrevistadores Maria Christina Guido e Ovídio de Abreu Filho nas duas primeiras e Reinaldo Roels Júnior na última. Neste artigo as citações dizem respeito às duas primeiras entrevistas.

⁷Tenente-coronel na Guerra do Paraguai e fazendeiro, Manuel do Nascimento Vargas era líder político do PRR em São Borja. Seus filhos também ingressaram na política: Viriato e Protásio foram intendentess de São Borja assim como o pai, além de Getúlio, deputado estadual, federal, ministro de Estado, presidente do Rio Grande do Sul e presidente da República. Filhos homens de Getúlio, e, portanto, primos em segundo grau de Ivete Vargas, também exerceram cargos políticos: Luthero foi deputado federal pelo Distrito Federal (1951-1959); Manuel Vargas foi vice-prefeito e prefeito de Porto Alegre (1951-1955). Primo de Getúlio, Ernesto Dornelles foi senador da República (1945-1951) e governador do Rio Grande do Sul (1951-1955). Dos filhos de Viriato, tios de Ivete, Manuel do Nascimento Vargas Neto foi deputado federal pelo Distrito Federal (1946-1951) e Serafim Vargas foi prefeito de São Borja (AMARAL, 2013, p 57-59).

⁸O acervo da Biblioteca Nacional possui a coleção do jornal do número 1 ao número 1401, abrangendo o período de abril de 1944 a dezembro de 1948. A coluna *Luzes e Sombras* aparece quase diariamente nas primeiras edições do periódico, tornando-se menos frequente a partir das edições de julho de 1945.

⁹Subordinado ao Poder Executivo, o DIP era o órgão responsável pela censura e por difundir uma propaganda sistemática do governo, destinada a popularizar a ideologia do regime junto às diferentes camadas sociais (VELLOSO, 1997, p. 62).



¹⁰Para as eleições de 2 de dezembro de 1945, foi estabelecido um acordo de apoio do PTB ao candidato do PSD, Dutra, apesar de resistências internas nas hostes trabalhistas (GOMES, 2005, p. 290-291).

¹¹Uma das possibilidades apontadas por Ivete teria sido a de concorrer à deputada em seu Estado natal, o Rio Grande do Sul, a convite de Salgado Filho. Seus tios trabalhariam pela sua candidatura em São Borja, mas isso a faria disputar votos com João Goulart, também candidato a deputado federal e com reduto no município gaúcho: “Não achei justo enfraquecer a posição de Jango no seu reduto eleitoral” (VARGAS, 1979, p. 42).

¹²Embora não se encontre a resposta, pois muitas vezes essas cartas eram enviadas como anexos em correspondência com outras pessoas – responsáveis por entregá-las pessoalmente – e delas não restaram cópias no arquivo.

¹³Obteve 18.607 votos, a segunda maior votação do PTB de São Paulo naquela eleição. Consultado na *Paulística Eleitoral*, banco de dados da página do Tribunal Regional Eleitoral de São Paulo (TRE-SP). Ver: <http://www.tre-sp.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/sistema-paulistica>.